## POLITIQUE DES SEXES

[Sylviane Agacinski, *Politique des sexes*, Paris, Seuil, 1998, 204 pp. (tradução portuguesa de Miguel Serras Pereira, *Política dos Sexos*, Oeiras, Celta Editora, 1999, 122 + x pp.)]

Maria Luísa Ribeiro Ferreira Universidade de Lisboa

Este livro de Sylviane Agacinski situa-se entre a reflexão teórica e uma tomada de posição política quanto ao estatuto da mulher na cidade. É a propósito do problema muito concreto da paridade que se desenrola um estudo filosófico do que é o ser humano e do que é ser homem e mulher. Simone de Beauvoir é uma interlocutora sempre presente, quer explícita quer implicitamente. Podemos mesmo dizer que se trata de uma obra "anti" *Deuxième Sexe* pois estão em causa e são refutadas as principais teses desta filósofa, nomeadamente a ideia de uma indiferença quanto à identidade sexual dos indivíduos.

A tese predominante de Agacinski é a de que a humanidade é dual, masculina e feminina, contrariando a ideia de uma indiferença quanto à identidade sexual dos indivíduos. Para a autora não tem sentido perspectivar os problemas de um modo universalista, como se houvesse um modelo único de humanidade a que todos devessem cingir-se. O género humano é sempre duplo e como tal não se pode pugnar por uma igualdade visto que esta é inexistente. Trata-se sim de acentuar a diferença, ou melhor, as diferenças, valorizando-as na sua riqueza. O conceito relevante, verdadeiro *leit-motiv* do livro é a *mixité*. Aceitar a *mixité* é perceber que o género humano é naturalmente dividido e reconhecer as repercussões determinantes desta tese na vida social, nomeadamente na instituição familiar (p. 125). A defesa da *mixité* como algo a acarinhar e a promover surge como ponto de partida para uma crítica a todas aquelas correntes feministas que se envergonham dos atributos próprios das mulheres.

O livro estrutura-se em três partes. Na primeira contemplam-se *as diferenças*. Seja qual for o estatuto que se atribua ao homem ou à mulher não há possibilidade de ultrapassar esta dualidade.

O androcentrismo dominante na cultura europeia explica-se pelo medo metafísico da divisão (p. 24). O começo é sempre dual e não uno. O universalismo abstracto é uma construção que mostra a nostalgia de uma unidade inexistente. Ao longo da história houve múltiplas versões da diferença mas é absurdo querer pensar a mulher em relação ao homem pois ela é sempre outra, tal como o homem é outro em relação a ela. A perspectiva freudiana é considerada errónea, entendendo-a S. A. enquanto fruto de um contexto tradicional e conservador, que não atende à dualidade de base característica do ser humano, homem e mulher. No capítulo "Liberdade e Fecundidade" (pp. 59-80) as teses de Simone de Beauvoir são refutadas por enaltecerem exclusivamente os valores viris, desprezando a feminidade. Ao falocentrismo pode-se sempre opor o valor da maternidade (p. 54) e a incapa-

cidade masculina de dar à luz. Contra a renúncia do feminino professada pelos existencialistas, Agacinski releva e acentua os caracteres femininos, o modo feminino de ser, a maternidade, o intimismo, o sentido estético, o trabalho em casa, etc. etc. É sobretudo a identificação entre maternidade e passividade que Agacinski contesta pois considera que a capacidade de dar à luz é um privilégio e que o estatuto de mãe é único, devendo ser socialmente apreciado.

Há que integrar na esfera económica o trabalho doméstico feminino (p. 88) absolutamente essencial para a manutenção da sociedade. trata-se de um trabalho produtivo que terá que ser valorizado, sob pena de exploração de quem o pratica. Contra as feministas radicais, há que aceitar a dualidade.

Na segunda parte, filiações, destacam-se teses e autores que eventualmente tenham contribuído para uma visão desajustada da convivência entre os sexos. E aqui a mixité continua a dominar. Em "Identidade e homossexualidade" (pp. 105-124) a homossexualidade é encarada como excepção ou transgressão. A sua existência vem provar que as diferenças masculino /feminino são reais, mostrando-se que lésbicas e gays vivem diferentemente a sexualidade própria. A valorização do sistema familiar baseado numa dupla origem ("A dupla origem" pp. 125-136) é outro tema abordado, mostrando-se os perigos que as técnicas modernas de engenharia genética podem constituir para a construção da identidade no que diz respeito às crianças filhas de casais do mesmo sexo. É por destacar a diferença que as teses de Aristóteles são valorizadas por Agacinski enquanto que as de Platão são analisadas de um modo muito mais crítico (Vide "Aristóteles contra Platão", pp. 137-146). Não obstante a forte hierarquização nas relações homem — mulher defendida pelo estagirita, este foi sensível à diferença e baseou nela uma filosofia política na qual a família tem um lugar de destaque. Ao separar o erotismo e a reprodução, ao desconsiderar a relação sexual e ao intelectualizar o amor, que deverá na sua forma mais alta ser exclusivo dos homens, Platão foi, segundo a autora, muito mais pernicioso à causa das mulheres pois as obrigou a renunciar a tudo o que lhes era próprio e por conseguinte as distinguia.

A terceira parte, *politiques*, é dedicada aos direitos políticos das mulheres, à necessidade que há em promover a sua actuação na sociedade e às vantagens de uma paridade que deverá ser levada a cabo em pouco tempo. Com "Guerra ou Política" (pp. 149-158) mais uma vez se reitera a mensagem dominante: não se trata de uma guerra entre sexos, até porque a guerra pouco tem a ver com as mulheres, mais dadas à sedução e negociação, ou seja à política (p. 150 e segs.). É por defender o carácter eminentemente político da relação entre os sexos que S. A. recusa criticamente quer as teses naturalistas quer as culturalistas do "género". A elas contrapõe uma interpretação aberta, assente num relacionamento simultaneamente natural, convencional e necessário (p. 157).

Em "A França libertina e arcaica" (pp. 59-166) elogia-se o espírito liberal dos franceses e critica-se o puritanismo anglo-saxónico. Contudo, o aparente optimismo é moderado e obscurecido pelo contraste entre uma aparente "liberdade de costumes" e a "realidade arcaica" vivida pelas francesas, às quais só em 1945 foi concedido o direito de voto e que ainda hoje na Assembleia são numericamente deficitárias. Daí os últimos capítulos do livro serem dedicados a um problema

POLITIQUE DES SEXES 141

político muito concreto — o combate pela paridade. Esta surge como o único modo possível de se viver nos nossos dias a igualdade de direitos. A paridade surge então como meta prática a que nos leva a análise teórica de Sylviane Agacinski em *Politique des Sexes*. Onde mais uma vez se patenteia não só que a filosofia tem uma palavra a dizer no esclarecimento dos problemas reais e concretos mas também que a filosofia no feminino é uma realidade.